O sujeito da psicanálise

Jairo Gerbase

Resenha do livro organizado por Sonia Campos Magalhães.
O sujeito da psicanálise: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo.
Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004.

O sujeito em questão na psicanálise é aquele que de origem é marcado pela divisão. Trata-se do sujeito do inconsciente: aquele que não sabe o que diz quando alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, assim como por uma conduta singular que ele crê ser sua.

O sujeito pode ser definido em relação ao *fading*, ao cansaço, que é fruto da relação entre ele e si próprio, e não entre ele e o mundo.

Pode também ser definido como um efeito de sentido do significante, o que quer dizer, sobretudo, que é sem conteúdo. O sintoma da dúvida é uma boa ilustração do que significa um efeito de sentido sem conteúdo. O sintoma da dúvida é, em si, sem conteúdo. O conteúdo da dúvida é derivado, secundário. A dúvida primária é sem conteúdo. Talvez até possamos dizer que a dúvida primária é real e, para fazer um dialelo, dizer que essa concepção do sujeito permite defini-lo como real.

Um discurso modela a realidade, sem esperar nenhum consenso do sujeito, dividindo-o, independentemente do que ele enuncie. Disso resulta a possibilidade de situá-lo nos mais diversos discursos. O *discurso do analista* exprime o sujeito como outro, ou seja, remete-lhe a chave de sua divisão. O *discurso da ciência* torna o sujeito mestre, uma vez que o desejo que lhe dá validade ao mesmo tempo em que o subtrai. É também por isso que aí se manifesta um real próximo do *discurso histérico*.

Dado que o significante representa um sujeito – não um significado – para outro significante – não para outro sujeito – o significante não pode sucumbir ao signo, que representa alguma coisa para alguém. O psicanalista está advertido de que essa alguma coisa de que deve se ocupar é a divisão do sujeito, que não deve ser tomada por uma coisa, posto que é falha de estrutura.

A divisão do sujeito ressoa as vicissitudes do saber do sexual sempre traumático, sempre condenado ao fracasso pelo fato de que o significante não está apto para formular, na estrutura, a relação sexual.

A coletânea *O sujeito da psicanálise* está distribuída em quatro seções: "Topologia do sujeito", "Sujeito e discurso", "Clínica do sujeito" e "Sujeito e gozo".

A seção "Topologia do sujeito" compreende três artigos: no primeiro, apresenta-se a justificação da metáfora como operação significante equivalente à condensação freudiana, a metáfora como mecanismo primário das formações do inconsciente.

No segundo, relaciona-se o primeiro momento de efetuação da estrutura, o *Fort-da*, como correlativo ao domínio da linguagem falada, e o segundo, a castração, como correlativo ao domínio da leitura e da escrita. A esses dois momentos de efetuação da estrutura Roseli Rodella acrescenta um terceiro, a puberdade, em que o sujeito se encontra com o Outro sexo, com a ausência do significante que nomeia (Ⱥ) Mulher. Esse terceiro momento é considerado pela autora como correlativo ao domínio da matemática, sendo o número aí uma forma de se representar no Outro tal como somos representados pelo significante.

No terceiro, Didier Castanet define a estrutura do sintoma como estrutura da metáfora, tal como Freud a fez a ilustração mais patente na formação do sonho. Pode-se dizer, então, que se o inconsciente é efetivamente estruturado como uma linguagem, o sintoma como substituição constitutiva da linguagem é parte integrante, sempre possível, da linguagem. Dessa forma, ele é uma especificidade do *parlêtre*. O corolário disso seria saber por que haveria substituição de prazer ou de desprazer. A função do sintoma, portanto, não é somente significante, mas também de gozo. Ele não se reduz a uma verdade a ser interpretada, mas é também gozo a ser decifrado. O sintoma, na sua função de gozo, poderá se fazer ouvir tanto quanto procurarmos encontrar para ele um sentido. É a questão de uma clínica para além dos limites, ou seja, uma clínica do objeto, do real e do gozo, que deve também ser interrogada.

A seção "Sujeito e discurso" também reúne três artigos: no primeiro, Ida Freitas pergunta: ante a insistente questão veiculada na mídia, não sem intenção claramente calculada – a psicanálise vai acabar? –, questão que é reflexo da cultura moderna ante os avanços tecnológicos, a biogenética, as neurociências, qual o lugar do psicanalista nesta cultura tecnicamente aparelhada, onde tempo e espaço são redefinidos? A biogenética,

ao reduzir a mente a um objeto de manipulação tecnológica, o homem a um mero objeto natural, apresenta-se como uma ameaça à humanidade, ao nosso censo de dignidade e autonomia. Como nós, psicanalistas, deveríamos agir diante dessa ameaça, que, em última instância, é uma ameaça ao sujeito particular, singular, único?

O segundo artigo, de Christian Dunker, examina a noção de crença à luz da psicanálise. O autor parte de uma apresentação das formas da incidência subjetiva da crença, tendo em vista sua fenomenologia, para em seguida discernir alguns elementos lógicos de suas constituição. O objetivo do trabalho é contribuir para o enfrentamento clínico de apresentações subjetivas fortemente marcadas pela crença, porpondo-se uma distinção entre interatividade, interpassividade e ato analítico como forma de clarificar a abordagem psicanalítica da crença.

O artigo de Angélia Teixeira encerra essa seção evocando a concepção psicanalítica de Outro para falar da barbárie contemporânea. A autora recorre à teoria lacaniana dos discursos, em que Lacan dá tratamento teórico ao discurso do capitalista a fim de evidenciar o impacto causado pelos elementos próprios ao capitalismo sobre a subjetividade.

Em "A clínica do sujeito", José Antonio Pereira da Silva, autor de "O sujeito em questão na psicose", primeiramente pergunta se é possível estabelecer a diferença do conceito de sujeito na neurose e na psicose, para, em seguida, apresentar algumas possíveis distinções, e concluir com esta máxima: o sujeito do inconsciente em questão na neurose é evanescente, descontínuo; na psicose é permanente.

O que é uma criança? Eis a pergunta colocada por Sonia Magalhães em seu artigo "O evanescimento do mundo infantil". Pode-se dizer que a autora põe em destaque a importância da amnésia infantil como pré-história do sujeito. Referindo-se a Royo, observa que cada época inventa seu conceito de criança, a forma de pensar a infância. Em Freud, o conceito de infância é correspondente ao de sexualidade infantil, que se divide em dois momentos: antes e depois do período de latência. A hipótese principal do artigo, no entanto, também referida a Royo, é a de que, a partir do último meio século vem ocorrendo um desaparecimento do mundo infantil à medida que crescem progressivamente as exigências de se tratar uma criança como um adulto. Em suma, a criança de Royo não brinca mais. A autora parece contrariar sua referência ao apresentar o conceito de infantil em Lacan, que é equivalente ao conceito de estrutura, isto é, ao efeito do significante que, por definição,

está sujeito a um necessário evanescimento. Como em "Bloco mágico" – no nível não do comportamento, mas da linguagem (isto é, d'alíngua) – a criança-sujeito de Lacan está sempre sujeita a aparecer e desaparecer. A autora, assim, leva-nos a pensar que o evanescimento do mundo infantil é necessário, e que é impensável que ele possa deixar de acontecer no adulto. Dito de outra maneira: provavelmente, haverá sempre (é o necessário) evanescimento do mundo infantil, e, provavelmente, nunca haverá (é o impossível) a suposta permanência do mundo adulto.

O que leva um sujeito ao ato suicida? A resposta direta de Soraya Carvalho, com base, principalmente, no estudo de 2.600 casos, é: a perda de um significante-mestre. Este S_1, a autora acrescenta, é correspondente ao ideal do eu, um significante ideal que dava suporte ao sujeito. Para o sujeito suicida, conclui, ser morto é a única maneira de dispor de um lugar no campo do Outro, o que, de resto, ainda demonstra a reserva que devemos ter de encarná-lo em pessoas do ambiente familiar.

Com o artigo de Vitória Ottoni Carvalho, "O sujeito e o sintoma", conclui-se a terceira seção. A autora se ocupa da conjunção de sujeito com sintoma, correlativa da conjunção de Freud com Lacan, isto é, da conjunção sintoma-formação do inconsciente e sintoma-sujeito. Segundo a hipótese lacaniana, sujeito coincide com corpo, e, desse modo, a conjunção que finalmente a autora quer demonstrar está situada entre sintoma e corpo.

Por fim, em "Sujeito e gozo", Carlos Pinto Corrêa, em seu artigo "O homem contra o sujeito", sustenta o argumento de que parece irresistível a vocação que o homem possui para estar sempre voltado para o seu exterior, fugindo àquilo que tem de mais próximo e que é o seu próprio interior. Seja nas ciências, na filosofia, na literatura, sempre existiu uma dificuldade de o homem pensar sobre si mesmo. Sócrates confessava não saber. Pensar é não saber e, mais, quando se pensa, não se pretende saber, quando se pretende saber, não se pensa. Assim, o homem tem vivido sem saber de si, mesmo com a proposta psicanalítica de revelar o sujeito do seu inconsciente.

Clarice Gatto, por sua vez, em seu artigo "A pulsão, seus destinos e o percurso do sujeito em análise", pergunta qual a relação entre as noções de pulsão em Freud e gozo (*jouissance*) em Lacan. Em que a distinção demonstrada por Freud para os destinos possíveis da pulsão aparelha o psicanalista na direção do tratamento? Segunda questão: se um sonho, via régia da

psicanálise, testemunha a existência das *formações do inconsciente* e o sintoma testemunha o retorno do recalcamento, será que posso referir os *destinos da pulsão* à estrutura da fantasia e, por conseguinte, ao modo de gozar de um sujeito além do princípio do prazer, em sua *versão do pai* (*péreversion*)?

Finalmente, Marcus do Rio, em "Supereu e imperativo do gozo", também levanta uma questão que, apesar de parecer um tanto ingênua, obriga-nos a uma profunda reflexão acerca da naturalidade com que nos referimos à definição lacaniana do supereu. De fato, diz, essa definição já faz parte de nossas referências teóricas há tanto tempo que costumamos esquecer – ou, no caso das novas gerações de analistas, saltar – a definição freudiana, evitando o cotejamento entre as duas. A nossa questão poderia ser resumida desta forma: Lacan está sendo coerente com Freud quando fala do supereu?

Boa leitura.

recebido
15/02/2005
aprovado
10/03/2005